



Não vale o que temos, nem o que sabemos, nem o que fazemos: vale o que SOMOS.

Ser é essência do indivíduo.

Um vaso pode ter moedas de ouro, pode fazer vista por sua beleza, mas ser de barro ordinário. Outro pode estar enlameado, sujo e amassado, e, no entanto, ser de ouro puríssimo.

Inegável que o segundo vale mais que o primeiro.

Jamais esqueçamos que Herodes era Rei, e Jesus, CARPINTEIRO.

Que Nero era IMPERADOR e Paulo, PRISIONEIRO.

Não é parecer, tampouco. Não é opinião dos outros: é que SOMOS em nosso mais íntimo mundo espiritual.

Nem é ainda o que sentimos em nós e de nós, pois este sentimento, ao passar pelo eu inferior, pode transmutar-se em orgulho, banhar-se em nosso convencimento, enfeitar-se com a nossa vaidade e ficar totalmente retorcido.

Confesso que não saberia estabelecer um modo de sabermos o que somos, mesmo porque não há juiz em causa própria. Qualquer autojulgamento pode ser errôneo, ou, pelo menos, falho.

Mas talvez possamos ir sabendo se estamos ficando melhores: quando verificarmos que aquele constrangimento que sentíamos diante de um antigo adversário já está desaparecendo, dando lugar a uma simpatia tão franca e aberta como quando estamos diante de um amigo de longos anos;

Se formos verificando que aqueles pensamentos que, outrora, em nossa mente surgiam diante de certas criaturas, se estão modificando de tal forma que, agora, parecem pensamentos de santidade e piedade;

Se aos poucos comprovarmos que, diante de diabrura de uma criança, não mais sentimos aquela irritação antiga, mas, antes, nossa compreensão é mais clara e risonha, e sentimo-nos felizes com a felicidade da inocência;

Se lentamente descobrirmos que, ao darmos um encontrão, não mais somos assomados por aborrecimento, irritação ou raiva, mas que um sorriso espontâneo e sincero de bondade nos aflora aos lábios, vindo do coração;

Se dia a dia percebermos que, diante das coisas mundanas, não nos emocionamos mundanamente, mas sentimos divinamente em nós a comoção do amor a Deus, através do mundo de Deus;

Se suavemente notamos que realmente nada somos e nada sabemos, e que tudo o que temos nós o recebemos do Alto, como dádiva generosa, sabendo colocar-nos diante das coisas na posição exata, sem magoar-nos com desprezos alheios, sem ressentir-nos quando formos passados para trás;

E, finalmente, se aprendermos a receber injúrias e calúnias com a serenidade com a qual ouvimos um cão preso ladrar contra nós, não dando a menor importância, porque nada nos atinge.

E tudo isso se o verificarmos sem envaidecer-nos, isto é, sem que nos julguemos humildes...

(Pastorino, Carlos Torres . in: Sugestões Oportunas )